

NILS HOLGERSSON

Domingo, 20 de Março.

Era uma vez um rapaz de cerca de catorze anos, alto, desengonçado, de cabelos fulvos como estrigas. Não se pode dizer que fosse grande coisa. As suas ocupações favoritas eram comer e beber; e também gostava de pregar a sua partida.

Um domingo, de manhã, os pais preparavam-se para ir à missa; em mangas de camisa, a cavalo numa das esquinas da mesa, estava todo satisfeito por os ver sair e pensava na delícia de ser senhor de si durante algumas horas: «Agora é que fico à vontade para ir buscar a espingarda do meu pai», pensava com os seus botões, «e disparar dois ou três tiros sem que ninguém dê por isso.»

Parece que o pai lhe adivinhou os projectos, porque à saída parou na soleira da porta e disse:

— Já que não queres vir connosco à igreja, podes ao menos entreter-te a ler em casa o texto da Escritura. Prometes fazer isso?

— Sim, se é essa a sua vontade... — Pensava, porém, ler só o que muito bem lhe agradasse.

A mãe nunca fora tão rápida; num abrir e fechar de olhos, dirigiu-se à pequena prateleira pregada na parede, procurou a Bíblia, pô-la sobre a mesa que estava em frente da janela, e abriu-a no sítio do Evangelho do dia. Depois aproximou da mesa a grande cadeira de braços, comprada

no ano anterior no leilão da casa paroquial de Vemmenhög e onde habitualmente só o pai tinha o direito de sentar-se.

O rapaz entretinha-se a pensar que não valia a pena a mãe ter tanto trabalho com tais preparativos, porque de certo só leria uma ou duas páginas. Mas o pai, que parecia adivinhar-lhe as intenções, disse-lhe com severidade:

— Vê lá se lêes com toda a atenção; olha que, quando voltarmos, hás-de explicar-me, página por página, o que leste, e pobre de ti se não me responderes!

E a mãe acrescentou:

— A prática consta de catorze páginas e meia. Se queres acabar a tempo, seria conveniente começares já.

Enfim, partiram. O rapazito via-os da porta, cada vez se afastavam mais, fora apanhado na ratoeira.

«Agora vão todos contentes», murmurou ele, «sabem que fiquei preso aqui dentro, amarrado ao livro este tempo todo».

Mas o pai e a mãe não estavam contentes; pelo contrário, sentiam-se bastante aflitos. Eram caseiros pobres: a propriedade era pouco maior que um jardim. Quando se instalaram no pequeno domínio, apenas podiam criar um porco e algumas galinhas. Persistentes, activos, muito trabalhadores, possuíam agora vacas e patos. Podia-se dizer que tinham triunfado e, se não fossem as preocupações que tinham com o filho, teriam ido cheios de satisfação à igreja, nesta linda manhã. O pai afligia-se por o ver tão inerte e preguiçoso. Nada quisera aprender na escola; só servia para guardar os patos, e mesmo assim!... A mãe não negava que tudo isto fosse verdade, mas o que sobretudo a entristecia era vê-lo mau, insensível, cruel com os animais, impiedoso com as criaturas. «Ai, Deus ponha fim à sua maldade e lhe dê outros sentimentos, senão fica para aí um desgraçado e é a nossa desgraça também», dizia ela com a voz entrecortada de suspiros.

Depois de reflectir durante muito tempo, o rapazito decidiu que, desta vez, era melhor obedecer. Instalou-se comodamente na grande poltrona e pôs-se a ler, resmoneando em voz baixa. O ruído da própria voz ia-o amolecendo. Sentiu que estava prestes a pegar no sono.

Lá fora, fazia um tempo magnífico. Era a primavera. Estava-se ainda no dia 20 de Março, mas o concelho de Vemmenhög fica ao sul da Escânia, e já se sentia a primavera em plena laboração. É verdade que as árvores não tinham ainda reverdecido, mas tudo despontava e irradiava alegria. Em todos os fossos havia água, à beira dos caminhos debruçavam-se as tussilagens. Nas pedras das paredes, já com a cor um pouco mais carregada, brilhavam os musgos e os líquenes. Além, ao fundo, a floresta de faias parecia toda envaidecida e a cada instante mais espessa. O céu, de um azul puríssimo, dava a impressão de estar muito alto. A porta da pequenina habitação ficara entreaberta, e dava entrada aos trilos das cotovias. No pátio, as galinhas e os patos esgaravatavam a terra, todos contentes, e as vacas, sentindo o sopro da primavera que penetrava até ao fundo do estábulo, deixavam ouvir de quando em quando um longo mugido.

O rapaz lia, cabeceava, acordava sobressaltado e lutava contra o sono.

«Não quero adormecer, senão tenho a manhã toda perdida.»

Apesar da sua resolução, o sono venceu-o. Teria dormido muito ou pouco? Não sabia; um ligeiro ruído que ouviu atrás de si, despertou-o. Na ombreira da janela, mesmo à sua frente, havia um pequeno espelho em que se reflectia quase todo o aposento. Ao levantar a cabeça, deu com os olhos no espelho e, para seu grande espanto, notou que a arca grande da mãe estava aberta.

A mãe possuía uma grande arca de carvalho, maciça, pesada, guarnecida de ferragens, e não permitia que ninguém a abrisse.

Dentro dessa arca, guardava todas as coisas que herdara da mãe, coisas a que tinha muito amor... Havia lá dentro vestidos de camponesa à moda antiga, de pano escarlate, cinta curta, saias com muita roda, cabeções bordados a pérolas, e havia ainda toucas brancas, engomadas, brincos e colares de prata, com bastante peso.

Hoje já ninguém usa essas velharias e muitas vezes a mãe pensara em vendê-las, mas não se sentia com cora-

gem para se desfazer delas, porque lhe estavam presas ao coração.

Ora, o rapaz via nitidamente que a tampa da arca estava deitada para trás. Não compreendia como tal acontecera, porque a mãe fechara certamente a arca antes de partir; nem ela era capaz de a deixar aberta. Receou que um ladrão se tivesse introduzido em casa. Não ousava mexer-se — imóvel, não tirava os olhos do espelho, esperava que o ladrão surgisse. De repente, viu passar uma sombra negra num dos lados da arca. Mas que seria? Olhava e tornava a olhar, mas não queria acreditar no que via. Todavia, pouco a pouco, o que, a princípio, parecia sombra, tomou corpo, e ele teve de convencer-se de que se tratava de uma realidade. Era, nem mais nem menos, um gnomo que se pusera a cavalo na beira da arca.

O pequeno ouvira muitas vezes falar destes gnomos, mas nunca pensara que pudessem ser tão pequeninos. O que ele estava a ver media apenas um palmo de altura, tinha cara de velho, toda enrugada e imberbe, e trazia roupa preta muito comprida, calções e chapéu preto de abas largas. Vestia com esmero: rendas brancas em volta dos pulsos e do pescoço, sapatos de fivelas, ligas com grandes laços. Tinha tirado da arca uma gola bordada e examinava o trabalho de outros tempos com tamanha atenção, que nem reparou que o rapaz havia acordado.

O rapazito admirava-se por ver o gnomo, mas não teve grande medo. Como havia de ter medo de um ser tão pequeno? E já que o gnomo estava tão entretido ao ponto de nem o ver nem ouvir, o rapaz pensou que não deixaria de ser engraçado pregar-lhe uma partida: empurrá-lo, por exemplo, para dentro da arca, fechar a tampa, ou qualquer outra coisa parecida.

A sua coragem não lhe dava, contudo, para tocar com as mãos no gnomo. Procurou um objecto que lhe servisse para a realização dos seus desejos. Correu com os olhos a casa toda, desde a cama até à mesa, da mesa ao fogão; depois, ao erguer a cabeça, viu a cafeteira, as caçarolas alinhadas numa prateleira, e reparou na espingarda do pai,

pendurada na parede, entre os retratos da família real da Dinamarca. Em seguida, pousou a vista nos gerânios e fúcsias que, em frente da janela, se cobriam de flores e, por fim, deu com os olhos numa velha rede de apanhar borboletas, pendurada no peitoril da janela.

Mal viu a rede de caçar borboletas, pegou nela com ânsia, de um salto e lançou-se sobre a beira da arca.

Ele mesmo se admirou com tanta sorte, porque tinha apanhado o gnomo. O pobrezinho estava no fundo da rede, de cabeça para baixo, incapaz de fugir.

A princípio, o rapaz não sabia que destino havia de dar a tal presa. Agitava com força a rede para impedir o gnomo de fugir. Este pôs-se a falar e suplicou-lhe comovidamente que o restituísse à liberdade. Fizera-lhes bem durante longos anos e merecia outro tratamento, dizia ele. Se o pequeno o soltasse dar-lhe-ia um táler antigo, uma colher de prata e uma moeda de ouro do tamanho do relógio do pai.

A oferta não pareceu muito generosa ao rapaz mas, desde que se apoderara do gnomo, estava cheio de medo. Compreendia que estava a lidar com alguma coisa estranha e terrível que não pertencia a este mundo e sentia-se aflito, morto por sair da aventura em que se metera. Por isso, aceitou imediatamente a proposta do gnomo e deixou de agitar a rede para que o homem pequenino pudesse escapar. No momento em que o prisioneiro estava quase a sair da rede, o rapaz foi assaltado pela ideia de que teria podido exigir uma grande fortuna e muito mais coisas. Para começar, deveria, pelo menos, ter exigido que a prática do dia lhe entrasse completamente na cabeça, sem esforço da sua parte. «Que parvo que fui em o deixar fugir!» E pôs-se a agitar de novo a rede.

Mas, no mesmo instante, apanhou uma bofetada tão grande que lhe pareceu sentir a cabeça a estalar. Viu-se arremessado contra uma parede e depois contra a outra; por fim, caiu por terra inanimado.

Quando voltou a si, estava sozinho; do gnomo nem um só vestígio restava. A arca estava de novo fechada. No lugar do costume, estava dependurada a rede de apanhar borboletas. Se não fosse a dor aguda que sentia na face, po-